

Como os Homens Contaram o Tempo

Simão BITAR

Prof. Titular do Departamento de Geografia da UFFa. Conferência proferida em 9.IV.86, no CPCH.

Imagine o ouvinte que ele se encontra em uma ilha deserta, como Robinson Crusoe, ou em um lugar apartado de todas as conquistas da civilização, como os personagens de "A Ilha Misteriosa", de Júlio Verne. Como faria para saber a hora? Observaria o curso aparente do sol. Ainda hoje se procede assim no interior de todos os países do mundo. Se o navio salvador demorar, ele saberá, quando a lua novamente apresentar o aspecto visto à sua chegada, que se passou um mês... Sua experiência, enfim, repetiria os primórdios dos calendários existentes no mundo.

Vieram dos astros as primeiras noções, ainda rudimentares, sobre o tempo. A religião, mestra e origem das instituições humanas, ensinou aos povos antigos esta lição. Em Gênesis, o Criador diz: "Haja luzeiros no firmamento dos céus, para fazerem separação entre o dia e a noite; e sejam eles para sinais, para estações, para dias e anos" (1: 14).

No princípio, decerto, - é necessária grande prudência quando se estuda o começo das criações humanas... - o homem distinguia somente o dia e a noite, assinalados pela presença do sol e da lua.

É difícil para nós, embotados por tantos séculos de civilização, imaginar a intensidade com que os nossos antepassados sentiram a alegria da aurora e a angústia da aproximação da noite. Só os requintes da vida civilizada engendraram a perversão de preferir a noite ao dia, a treva à lua. Aquele sentimento ancestral repercutiria longamente na alma humana. Simboliza-o, na Idade Média, o hino vespertino cantado nas igrejas e nos conventos: "Te lucis ante terminum...", "A Ti, oh! Criador de todas as coisas, a Ti,

antes de findar o dia, nós invocamos... Longe de nós os sonhos e os fantasmas noturnos..."

Na história do calendário, a unidade foi o dia, o decorrer de vinte e quatro horas. Contaram-no alguns povos de aurora a aurora, outros, como os hebreus e os árabes, entre dois poentes.

Era preciso, também, dividir o dia. O Sol, brilhando no alto, mostrava a hora de partir para a labuta no campo, a de recolher o armento. Mas o espírito humano, sempre insatisfeito, buscando sempre a perfeição, observou que as sombras se moviam, conforme o sol avançava no seu curso. Neste movimento está a origem mais remota dos relógios. Depois, quando a vida humana se tornou mais complexa, ao tempo em que floresceram civilizações como a sumeriana, a egípcia, a hebraica, o homem, desejoso de acrescentar a noite à sua atividade, dividiu suas doze horas em partes iguais, e chamou-as vigílias. Lê-se no Evangelho segundo Lucas: "Havia naquela mesma região pastores que viviam nos campos e guardavam seu rebanho durante as vigílias da noite". (11,8).

A religião está presente ainda na origem das horas. O número doze, no passado, era grato ao espírito humano, por ser o produto do divino (três) e do terreno (quatro). Doze eram as tribos de Israel, os signos do Zodíaco... Doze foram, também, as divisões do dia e as da noite. Possivelmente a palavra hora evoluiu para um sentido cada vez mais exato. Na literatura latina significa, às vezes, estação.

A obsessão do número doze não cessou. Quando se desejou outra divisão, mais completa, recorreu-se novamente a ele. Dividiu-se por doze a hora. Como o resultado era insatisfatório, procedeu-se a divisões sucessivas, até completar cinco vezes. Portanto, cinco vezes doze igual a sessenta.

É de natureza religiosa, também, a semana com sete dias. Este número resultava da soma do divino, três, com o humano, quatro.

O Sol criara o dia. A Lua criou a semana. Um pou

co de etimologia: de onde proveio esta palavra? De "sete manhãs". E esta origem lembra a do curioso vocábulo inglês fortnigh, quinzena, originado de fourteen nights, quatorze noites.

Na inconstância de tantas coisas na natureza, a Lua permanecia constante na sucessão das suas fases, e isto moveu o espírito humano a dividir o tempo baseado nela.

Muitos não sabem que, entre os povos de línguas neolatinas, somente os da portuguesa usamos, para designar os dias da semana, termos fiéis à tradição cristã. No princípio, celebrava-se a Páscoa durante sete dias. Eram dedicados à oração, à meditação sobre a Paixão, a Morte e a Ressurreição de Cristo. O imperador Constantino, em seu ardor de convertido, proclamou estes dias feriados, ou seja, em latim, feriae.

Sendo esta a designação comum de todos os dias, urgia, para distingui-los, numerá-los. Esta numeração teve como base o sábado. O domingo seria o primeiro dia feriado depois do sábado. Isto explica por que se diz segunda-feira e não primeira-feira. O papa São Silvestre oficializou e regulamentou este costume, conservando para o domingo o nome formado da palavra latina dominus, senhor, e, para o sábado, referente ao Velho Testamento, o formado do étimo hebreu. As palavras têm um destino, como nós: feria transformou-se em feira. Como, em latim, o vocábulo dies, neste caso, era feminino, são deste gênero os nomes dos dias da semana, e mesmo o é, às vezes, o domingo: em italiano diz-se domenica, no português antigo se dizia dominga.

A religião sempre está presente. Em Roma, os deuses presidiam a todos os atos da vida humana. Seus dias eram governados por eles. Nada mais normal do que lhes invocar o nome para designá-los... Assim se chamaram, em latim (o termo dies, o dia, aqui é feminino), dies dominica (dia do Senhor), lunae dies (dia da lua), Martis dies (de Marte), Mercurii dies

(de Mercúrio), Jovis dies (de Júpiter), Veneris dies (de Venus), Saturni dies (de Saturno).

O domingo era, originariamente, o dia do Sol. O advento do Cristianismo transformou-lhe o nome. Quem primeiro usou a expressão domingo, dia do Senhor, foi São Justino, no segundo século. O Concílio de Elvira, realizado no ano 300, ao punir com a pena de excomunhão quem faltasse à missa em três domingos consecutivos, oficializou-lhe o sentido cristão.

É transparente, nas palavras que designam, em países onde se encontra a herança latina, a origem romana. Assim, o lunae dies do passado transparece no lunedì italiano, em francês lundi, lunes em espanhol. Lembremos, exemplificando, os nomes usados na Itália: lunedì, martedì, mercoledì, giovedì, enerdì, sabbato, domenica.

Os povos que os gregos e os romanos chamavam bárbaros seguiram, em parte, a mesma tradição, em parte honraram, nos dias da semana, sua própria mitologia. Em alemão, por exemplo, a quinta-feira, dia de Júpiter, evoca a divindade germanica Donner: Donnerstag, literalmente dia de Donner. Vênus, a deusa do amor e da beleza, nomeara a quinta-feira. Entre os povos nórdicos a divindade portadora destes atributos era Friga; a ela se consagrou aquele dia, e ela, após as vicissitudes sofridas, às vezes, pelas palavras, permanece no inglês friday e no alemão Freitag (lembre-se que day, em inglês, e Tag em alemão, significam dia). Um fato interessante e o rememoto costume de consagrar ao Sol o dia chamado hoje, por nós, domingo, reviver nestas duas línguas antigas-germânicas, sunday na inglesa, Sonntag na alemã. É digna de nota, ainda, a persistência do nome hebraico no sábado. Em russo, onde os dias da semana se designam de forma diversa, ele se chama subota. Permitti-me, finalmente, duas linhas sobre este dia, e não vos assustei: não discutirei se se deve guardar a ele ou ao domingo. Saturno, o deus tão grato aos povos da Itália, não foi honrado nos dias da se-

mana. Segundo o mito, reinara no Olimpo. Destronado por Júpiter, refugiou-se na terra chamada, mais tarde, Lácio. Ali, ensinou aos homens a agricultura, e instaurou a Idade de Ouro. Caber-lhe-ia, teoricamente, o sexto dia. A palavra judaica abath, porém, de onde se formou a nossa sábado, suplantou o nome da divindade.

Da Lua, da sua lunação, provém igualmente o mês. Ainda hoje, em algumas línguas os termos lua e mês têm a mesma raiz, como, em inglês, moon e month, ou, em alemão, Mond e Monat.

Do mês lunar surgiu o ano. Nisto influiu ainda a mística do número doze, aliado ao fato de haver doze lunações (chama-se assim a sucessão das fases da Lua) entre duas primaveras. Durante séculos persistiu o ano lunar, até ser definitivamente suplantado pelo solar.

No caminho percorrido pelo Sol, o Zodiaco estudado em Babilônia, havia estrelas agrupadas... em doze constelações. (O meu paciente ouvinte agora talvez receie que esta palestra dure doze horas.) Assim se definiram, no ano solar, os meses.

Qual a origem dos seus nomes? Façamos rápida viagem através deles.

Janeiro - Lembra Janus, o deus romano protetor dos lares. Figuravam-no com duas faces, uma voltada para o presente, a outra para o passado. No primeiro dia deste mês os romanos trocavam presentes. Daí herdamos o costume observado no Ano Novo. Nihil novum...

Fevereiro - Deriva de Februa, um dos epítetos de Juno, irmã e esposa de Júpiter. Um curioso detalhe que confirma as sábias palavras citadas antes: não há nada novo sob o sol. Por que fevereiro é o mês mais curto? Os aúlicos de Augusto, ávidos de incensar o imperador, desejaram, à semelhança do que fizeram os de Júlio César, consagrar um mês ao seu ídolo. Seria o oitavo. Havia, porém, este obstáculo: enquanto Julho (o mês dedicado a Júlio César) possuía

trinta e um dias, o seguinte, hoje nosso agosto, con-
tava apenas trinta, e isto significaria uma inferior-
ridade. Nada é insólvel para as paixões humanas.
Fevereiro teve de possuir menos dias para maior gló-
ria de Augusto.

Março - Este mês foi consagrado pelos romanos a
Marte, que duplamente merecia a homenagem: por ser o
deus da guerra, e o pai dos gêmeos fundadores de Ro-
ma. Nele se celebravam as festas liberais, em honra
de Baco (também chamado Liber), minervais (de Minerva)
e tubilustres, quando se purificavam, religiosamente,
as trombetas sagradas.

Abril - Na origem, era dedicado a Vênus. Depois,
quando a riqueza teve como alicerce o trabalho ru-
ral, o termo aprilis (possivelmente cognato de aper-
rire, abrir) evocou a época jubilosa em que germi-
nam as sementes. Por vários séculos o ano começou no
dia primeiro de abril, quando ocorria a esfuziante
Festa dos Loucos, celebrada até 1552. A reforma do
calendário, efetuada então pelo papa Gregório XIII,
despojou abril do seu privilégio. E por que ele é o
"Dia da Mentira"? A partir do ano seguinte, as pes-
soas continuaram, naquela data, a oferecerem-se pre-
sentes. Faziam-no, porém, de maneira burlesca, en-
viando, por exemplo, pastéis recheados de algodão,
ou caixinhas vazias.

Maió - A Etimologia, como acontece tantas ve-
zes, discute a origem desta palavra. Para uns provém
de Maestas, divindades padroeiras do Estado e da ma-
gistratura. Outros vinculam-lhe a origem ao termo la-
tino maiores, e ela, assim homenageria os mais ve-
lhos. É o mês, como todos sabem, das flores, quando
se celebravam, na antiga Roma, festas dedicadas à
deusa Flora. Este culto à beleza e à poesia persistiu
através das vicissitudes de todas as épocas. Mes-
mo a Revolução Francesa, empenhada em abolir toda
tradição, consagrou, no seu calendário, um mês às
flores, - Floreál.

Junho - Dedicado à deusa Juno, realizavam-se ne-

le festas em honra dos jovens. O primeiro dia era
sempre festivo. Depois se sucediam as festividades de
Juno Moneta, deusa tutelar do tempo onde se cunhavam
as moedas, da deusa Carna, do deus Sano, e da ca-
prichosa Fortuna.

Julho - Chamava-se, primitivamente, Quintilis, por
ser o quinto mês. Seu nome atual recorda a homenagem
prestada a Júlio César. No sexto dia Roma festejava,
nas festas apolinárias, o deus Apolo.

Agosto - Fora, antes, denominado Sextilis, o sex-
to mês. Seu nome, em português, é a transformação do
latino que recebeu em honra do imperador Augusto.
Também era um dos meses mais ricos em festas, as por-
tunais, as consuais, as vulcanais.

Setembro - No prístino calendário aperfeiçoado
pelos romanos era o sétimo, daí seu nome, derivado do
numeral septem.

É nobre exemplo. Dedicado, como aconteceu com
Julho e Agosto, a vários imperadores, voltou sempre
à sua singela denominação.

Outubro - Embora menos claramente, lembra o car-
dinal originário, octo, pois fora, entre os primei-
ros romanos, o oitavo mês.

A religião impregnava toda a vida antiga. Neste
mês, até o dia onze, festejava-se e bebia-se, com es-
pírito religioso, o vinho novo. Depois vinham as fes-
tas da água, as Fontanaís, quando se engrinaldavam
as fontes.

Novembro - É evidente sua relação com o número
nove. Com efeito, na ordem estabelecida pelos pri-
meiros habitantes do Lácio, era o nono. Realizavam-
se nele os Jogos Plebeus, e as festas Bramais.

Dezembro - Como aconteceu com outros meses, man-
teve seu nome quando deixou de ser o décimo.

Antes do Cristianismo, celebrava-se no dia vinte
e cinco o nascimento do Sol, fato notável, pois jus-
tamente naquela data o astro inicia o retorno ao zê-
nite. O Cristianismo, com a sua sabedoria, utilizou
o espírito religioso para celebrar nela o nascimento

do nosso Salvador.

Chegamos ao ano.

No evoluer das atividades humanas, após algum tempo o dia, a semana, o mês não bastaram mais para o cómputo do tempo.

O olhar humano sempre se ergueu para o céu. A noite; enquanto o rebanho dormia, ou o navio singrava as águas do mar, o pastor e o viajante repousavam o espírito fatigado pelas atribulações terrenas contemplando os astros que esplendiam serenos além. A mente humana, sempre inquieta, um dia percebeu que não eram imóveis. E o coração dos primeiros homens que estabeleceram a medida do ano rejuvilou-se ao verificar que entre duas passagens do Sol pela mesma estrela, ou entre duas primaveras, a cifra dos meses era, embora com pequena diferença, doze, o número abençoado.

O início do ano variou no tempo. Os egípcios, para quem a vida dependia do Nilo, estabeleceram-no quando o rio começava a transbordar, no mês de Tot, junho em nosso calendário. (Ainda hoje, todos os anos, um funcionário do governo egípcio anuncia que as águas do rio começaram a subir, e um frêmito de alegria percorre todo o país.) No calendário romano, do qual somos herdeiros diretos, o ano começava, no princípio da realeza, no dia primeiro de março. Após algumas oscilações, o papa Gregório XIII, fixou o primeiro de Janeiro familiar para nós.

Não nos ocorre, absorvidos nos afazeres de cada dia, a existência de anos diferentes. O mais exato é o sideral, tempo decorrido entre duas passagens do Sol pela mesma estrela. Temos o astronômico, equinocial, solar ou tropical. Princípiam no equinócio de verão, quando o Sol atravessa uma linha imaginária paralela ao Equador, e os dias e noites têm duração igual. Também existem os anos convencionais. O civil, por exemplo, de primeiro de janeiro a trinta e um de dezembro. Ou o decretório, adotado por pessoas supersticiosas, membros de seitas secretas, que a-

tribuem poder maléfico aos múltiplos de sete.

Mais tarde, ao ano se acrescentaram medidas maiores, o lustro (cinco anos), o decênio, o século, o milênio.

Antes de buscar, no passado, a história do nosso calendário, lembremos alguns estranhos à nossa herança.

Por volta de dois mil anos antes de Cristo, os chineses possuíam dois calendários paralelos. Em um tinham a ano civil, determinado pelas lunações. Em outro o astronômico, baseado no ano solar. O primeiro, usado pela plebe, tinha doze meses. Às vezes, porém, para estar acorde com o segundo, era preciso acrescentar-lhes um mês complementar. O ano astronômico tinha trezentos e sessenta e cinco dias e um quarto de dia. Assim, os chineses possuíam, muitos séculos antes dos outros povos, esta noção.

Como nós agrupamos sete dias para formar a semana, os habitantes da China associavam-nos em ciclos de sessenta e dividiam-nos em dois outros ciclos, subordinados a signos celestes e símbolos terrestres. Quando se desejava dizer, por exemplo, o primeiro dia de um ciclo, juntava-se o primeiro signo celeste ao primeiro signo terrestre. O Homo sapiens é, indubitavelmente, um ser complicado...

No Egito, o Nilo, generoso, fertilizava a terra. No céu brilhava a estrela Sirius, que os egípcios chamavam Sothis. Quando as águas do rio começavam a subir, ela resplendia com um fulgor maior. Cedo os habitantes do país associaram os dois fenômenos. Aquele momento, jubiloso hoje como no tempo dos faraós, assinalava o renascer da vida, - e foi o marco inicial do ano. Depois, dividiu-se em três partes o espaço entre duas inundações. Em seguida, estabeleceram o total de trezentos e sessenta dias. Não ignoraram os cinco restantes: consideraram-nos como um

apêndice.

O cômputo egípcio baseava-se, portanto, na estrela e no rio. Ela, porém, de quatro em quatro anos, se atrasava de um dia, e isto acarretava um atraso no calendário.

Enquanto o espírito egípcio conservou sua pureza, livre das coerções trazidas pelas vicissitudes das conquistas estrangeiras, não se corrigiu este erro. Após mil quatrocentos e sessenta anos o calendário corrigia-se por si mesmo. E, para os egípcios, com a alma toda voltada para a Eternidade, que importava a bagatela de mil quatrocentos e sessenta anos? O grande geógrafo Jean Brunhes (perdoe o ouvinte se eu, envelhecendo, o aborreço com dois atributos da velhice, a prolixidade e as reminiscências) pergunta na magistral *Geographie Humaine*: que são mil anos? E responde: o intervalo entre Aníbal ante as portas de Roma e a coroação de Carlos Magno; entre ela e a de Napoleão. Quase nada...

Na Índia houve, à princípio, simultaneamente, o ano solar e o lunar. Não só vigorava um em certas regiões e o segundo em outras, como também as solenidades religiosas obedeciam ao ano solar e a vida civil e familiar ao lunar. A uniformização veio no século V antes de Cristo, quando se tomou por base, para a elaboração de novo calendário, a entrada do sol nos signos do zodiaco, daí doze meses, com a peculiaridade de terem o nome da divisão correspondente. Assim, chamavam-se *mesha* (carneiro), *vrisshaba* (touro)... Havia, também, o grupo de dias semelhantes à nossa semana.

Entre os hebreus o ano era solar, embora haja na Bíblia indícios de ter sido, no princípio, lunar.

Ouçam os Henri Henri Daniel - Rops, no primoroso livro "A Vida Diária nos Tempos de Jesus": "Todo mundo em Israel estava mais ou menos familiarizado com as esplêndidas histórias do "Livro de Enoque", essa estranha obra que alguns rabinos consideravam inspirada mas que não foi incluída no cânon; todos

sabiam, portanto, que o arcanjo Uriel havia mostrado a Enoque as tábuas do céu e lhe ensinara a medir o tempo que o Senhor fizera, e como contar os anos, os meses e os dias, atentando para os anjos que governavam o curso das estrelas. Pois como tudo o mais no mundo e na vida, a medida do tempo tinha origem divina, sendo a estrutura matemática de todos os acontecimentos e de todas as obras humanas" (Capítulo V).

É tempo de lembrar o eterno problema da datação dos anos. Ele nos ofereceria, se nos detivéssemos um pouco nele, valioso exemplo da luta incessante do espírito humano. Para quem traduziu textos latinos, é familiar o sistema de tomar por base os nomes dos cônsules e a fundação lendária de Roma. Os gregos contavam-nos pelas olimpíadas. Os egípcios e os assírios, pelos reis epônimos. Os judeus, no princípio (como se fez também no Egito), consideravam alguma ocorrência mais saliente. "Dois anos antes do terremoto", escreve o profeta Amós (I:1) Surgiu, depois, um emaranhado de datas consideradas como ponto de partida para a contagem do tempo.

O ano dividia-se em doze meses. No princípio receberam nomes relacionados com as atividades humanas e os fenômenos da natureza, como fizeram, - repitamos o eterno "nihil novum", - os reformadores que elaboraram o calendário da Revolução Francesa.

Os hebreus introduziram também notável inovação: a semana.

Passemos aos gregos. O ano era solar, com doze meses. O mês era lunar, o intervalo entre duas luas novas. O sistema de contagem dos dias (inexistia a semana) era análogo ao dos romanos.

Suponhamos que nós os contássemos da mesma forma. Como procederíamos? Lembre-se, antes de mais nada, que o nosso mês não seria dividido em semanas. Nós o dividiríamos em três partes. (Consideremos, para efeito didático, o mês de trinta dias) O primeiro e o último dias do mês teriam nomes especiais. Res salvado isto, o que fariamos? Numerariamos os dias de

cada seção, acrescentando algo para não confundir uma com outra. Diríamos, por exemplo: o segundo dia da primeira parte, o segundo dia da segunda parte...

Acrescentemos, a estes calendários antigos, o asteca. Iniciava-se no solstício de inverno e tinha dezoito meses de vinte dias, aos quais se acrescentava um suplementar, de apenas cinco. Uma característica original: assim como nós damos nomes aos dias da semana, os astecas nomeavam todos os dias do mês.

Falta-nos apenas evocar, sumariamente, as raízes do nosso calendário.

Na sua origem mais remota se encontra, possivelmente, o organizado em Nipur, cidade sumeriana. Ali se tem um dos primeiros ancestrais do ano dividido em doze meses. Seus nomes, como vimos entre os primitivos hebreus, recordava aos homens suas atividades. O segundo era o "tempo de conduzir o gado para as pastagens, o terceiro "o tempo de cozer os tijolos", o décimo-primeiro" o de semear".

Depois vieram os acádios, povo também semita. Surgiram outros reinos, outros vencidos. A estrutura básica do calendário, no entanto, permaneceu a mesma ideada pelos sumerianos e aperfeiçoada pelos acádios.

Se o mundo, como no símile de Shakespeare, é um palco, também os povos representam nele seu papel. Veio, em seguida, a vez dos egípcios entrarem em cena. Já vimos sua contribuição.

Depois, uma população também semita, os etruscos, levou da Mesopotâmia, onde floresceu a civilização sumeriana, a estrutura do calendário, e estabeleceu-a em terras da Itália, onde os romanos a assimilaram.

Roma está, diretamente, na base da nossa divi-

são do tempo. Uma diferença fundamental é como, no período clássico, se dividiam os dias do mês.

O mês, em latim mensis, era lunar, e tinha, alternativamente, vinte e nove e trinta dias. A lua cheia coincidia com o décimo-quarto e o décimo-quinze dias. Como os romanos, porém, extremamente supersticiosos, tinham aversão pelos números pares (quem leu Virgílio recorda as palavras do seu verso, numero deus impare gaudet, a divindade alegra-se com o número ímpar), admitia-se que o primeiro destes dias era o décimo-terceiro. Em cada mês ele era chamado Idus. O oitavo dia antes da lua cheia era denominado Nonae. O primeiro do mês, Kalendae. Desta palavra nós herdamos calendário e a locução "fazer alguma coisa nas calendas gregas," isto é, não a fazer nunca, pois este costume não existia na Grécia.

Tomando aquelas datas como base, os romanos contavam os dias de maneira semelhante a dos gregos. Faziam-no, porém, considerando quantos dias faltavam.

Suponhamos que encontrássemos, na literatura latina, os nomes dos dias de março. Teríamos:

O primeiro - Calendae Martiae. Traduziríamos: as Calendas de Março.

O segundo - a.a. VI Nonas Martias. significa: "ante diem sextum Nonas Martias", ou seja, na ordem direta:

"sextum diem ante Nonas Martias". Traduziríamos: o sexto dia antes das Nonas de Março.

Continuaríamos até chegar ao dia básico, "Nonae Martiae, "as Nonas de Março".

Os meses eram, fundamentalmente, os mesmos nossos, com as diferenças apontadas.

O calendário romano foi submetido, posteriormente, a duas grandes reformas: a juliana e a gregoriana.

Quando Júlio César voltou das suas conquistas nos países onde, como intelectual, também observara as instituições, incumbiu Sosígenes, astrônomo que se notabilizara em Alexandria, de empreender os aper-

feições necessários. Daí resultou o Calendário Juliano, onde as inovações principais eram o início do ano em primeiro de janeiro, e definir-se a duração de trezentos e sessenta e cinco dias e um quarto. O ano, assim, deixava de ser lunar para ser solar.

Um erro, no entanto, perdurava. O ano solar não tem exatamente trezentos e sessenta e cinco dias e seis horas, e sim cinco horas, quarenta e oito minutos e quarenta e seis segundos.

Esta aparente nonaça fez o ano civil atrasar-se em relação ao curso do Sol. Era necessária outra reforma.

Quando o papa Gregório XIII foi eleito, em 1572, iniciou-se o trabalho que desde muito se impunha. Dois objetivos principais eram visados: corrigir o atraso, e evitá-lo no futuro. Cinco anos depois foi concluído o Calendário Gregoriano, tão aperfeiçoado que somente em 4915 será preciso eliminar um dia para corrigir o atraso, - o que, sem dúvida, nos tranquiliza.

Hoje se reclama nova reforma. Os eruditos afirmam que a data do nascimento de Cristo é incorreta. Os comerciantes desejam meses mais uniformes. O espírito humano, sempre insatisfeito, continua voltado para a contagem do tempo, como outrora o nauta contemplando o céu, ou o sacerdote, em Babilônia, estudando os astros. E continuará sempre, até vir o dia da narrativa bíblica, o sétimo dia destinado ao repouso, quando a nossa alma, livre enfim do tempo e das angústias terrenas, repousará na luz que resplandecerá ante nós como a de eterno meio dia.

Este livro foi impresso (com laudas datilografadas em polyester fornecidas pelos coordenadores) na Gráfica e Editora Universitária da UFPA
Trav. Ruy Barbosa, 491 — Reduto — 66 000 — Belém/PA